

Crítica // Bugonía

Mariana Reginato

Yorgos Lanthimos é genial. Em produção constante desde 2022, o diretor tem causado impacto com projetos como *Pobres criaturas*, que rendeu a Emma Stone um Oscar de Melhor atriz pela interpretação de Bella Baxter. Mantendo os mesmos atores em histórias distintas, Yorgos consegue explorar o íntimo do ser humano com humor ácido e diálogos cômicos e profundos.

Além de *Pobres criaturas*, Yorgos mostrou potência com *A favorita* (2018) e *O lagosta* (2016). A chegada de *Bugonía*, pouco mais de um ano depois do seu último filme, *Tipos de gentileza*, animou os fãs do diretor. Diferente de tudo que já se propôs a fazer, *Bugonía* coloca Emma Stone como Michelle Fuller, CEO de uma grande empresa, sequestrada por homens que acreditam que a executiva é uma alienígena.

Interpretados por Jesse Plemons e Aidan Delbis, os primos vivem no meio de conspirações que acreditam que alienígenas irão destruir a terra e Michelle é a força central desse movimento. A narrativa parece, inicialmente, abordar a loucura dos homens mergulhados em fake news e teorias sem base. Essas



Emma Stone brilha como Michelle Fuller, executiva confundida com alienígenas

informações mexem tanto com os dois que eles sequestram a CEO, raspam sua cabeça e a mantêm em cativeiro para salvar a humanidade.

Os diálogos, desde o início, são o grande elemento do filme. Com monólogos e alguns duelos de opiniões, o roteiro sustenta o filme todo e, apesar de parecerem sem sentido em alguns momentos, é possível ligar os tópicos com discussões de classe e muitas das mensagens evidenciam o duelo

entre grandes empresas e a natureza. O responsável, Will Tracy, roteirizou *Succession* e o longa traz esse humor ácido extremamente presente na série da HBO Max.

A paranoia e a desconfiança criadas pelo roteiro e pelas atuações de Emma Stone, Jesse Plemons e Aidan Delbis confundem os personagens e até os próprios espectadores. Emma Stone em Michelle Fuller é fria, calculista e joga perfeitamente com os sentimentos

dos homens que, finalmente, têm motivos muito concretos para a perseguição.

Bugonía traz uma face diferente, mas tão genial quanto, de Yorgos Lanthimos. O filme, que prende e diverte o espectador em quase toda a duração, perde muita força no final, fazendo com que não entre na lista dos melhores que o grego já dirigiu. Apesar disso, é impossível não aproveitar duas horas do roteiro de Will Tracy e de grandes atuações de todos os envolvidos.

Crítica // Guarde o coração na palma da mão e caminhe ★★★★

Um testamento chocante

Ricardo Daehn

Muito além da sororidade, tão em voga, a diretora do documentário que estreia hoje, a iraniana Sapideh Farsi, comunica da opressão envolvente em relação à figura central de seu longa-metragem, a jovem, bela e radiante palestina Fatma Hassona. Num retrato de uma Gaza (a Gaza de Fatma, como a todo

momento ela reclama) inóspita e refratária, o filme premiado em Chicago, Atenas e Montreal, acusa uma falta de qualidade de imagem (dado o uso de uma rede de internet deficitária); mas, acima disso, acusa o valor do comprometimento tanto com a realidade quanto com o uso da poesia (em temas densos) que une Sapideh e Fatma. A atualidade do longa está no registro

FILMES DO ESTAÇÃO/ DIVULGAÇÃO



cotidiano de horrores presentes com as ações israelenses em Gaza, e que alcançam até um fatídico dia de abril de 2025.

Zelosa das tradições do povo palestino e da integridade da família, Fatma desaparecerá fisicamente. Permanecerão,

Filme Guarde o coração na palma da mão e caminhe

contudo, suas imagens como fotógrafa (que revela até mesmo a crueza da carne humana em bombardeios), sua denúncia serena e penosa (que atravessa dias indescritíveis) e a esperança de falar ao mundo, estando presente ao Festival de Cannes (em que não esteve, por estar morta). Um choque em forma de filme.